

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

**SANDRA SIEBEN**

**AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
Desvelando as suas faces**

**Porto Alegre  
2018**

SANDRA SIEBEN

**AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
Desvelando as suas faces**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Sariane Pecoits

Porto Alegre  
2018

## AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

### Desvelando as suas faces

Sandra Sieben\*

Sariane Pecoits\*\*

**Resumo:** Compreendemos a avaliação da aprendizagem escolar como algo que se faz presente na vida de todos os estudantes, incluindo todas as faixas etárias, desde a mais tenra idade, de 0 a 6 anos, a qual designamos educação infantil. Na educação infantil, o excesso de atividades influencia sobre o tempo, o brincar e a intencionalidade, destacando que poucas instituições de educação infantil realizam um processo de avaliação a partir de uma abordagem teórica que venha a favorecer a construção de uma organização coletiva do processo de avaliação das crianças. Embora os instrumentos utilizados para socializar a avaliação das crianças procurem diferenciar-se dos que são utilizados no ensino fundamental, seus processos ainda parecem distanciados de uma orientação para a especificidade da educação infantil; na maior parte dos casos, parece não haver relações entre os instrumentos avaliativos, o referencial teórico que subsidia os PPP's das instituições de educação infantil e os planejamentos construídos para os grupos de crianças. Neste artigo, procuro tecer reflexões sobre esse sistema de avaliação, a partir do estudo feito na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, produzidas no período de 2014 a 2017, escritas no Brasil, com o tema avaliação na educação infantil. Os apontamentos foram obtidos por meio de referenciais teóricos e dissertações que se referem ao tema. Compondo essa sustentação, dialogo com estudos de pesquisadores que me ajudam a pensar a avaliação, em cotejamento com outras questões intervenientes. Através do trabalho realizado, confirmou-se a reduzida existência de estudos sobre a avaliação na educação infantil.

**Palavras-chave:** Avaliação. Educação infantil. Processo. Qualidade. Estudos.

## 1. ESTUDOS RELACIONADOS COM A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao longo da minha atuação profissional na educação infantil, em escolas da rede privada de Porto Alegre, fui acumulando indagações sobre o modo de proceder e como as escolas de educação infantil organizam-se, como desenvolvem as ações pedagógicas e como ocorre o processo de avaliação da aprendizagem nessa etapa da educação.

---

\*Sandra Sieben

\*\* Sariane Pecoits

Este artigo traz uma reflexão sobre os modos de avaliação que ocorrem na educação infantil, discutindo, de modo particular, como as possibilidades dadas aos pequenos, dentro e fora do ambiente educativo, estão atreladas aos sentidos que atribuímos à criança, à infância e à sua maneira de ver o mundo. Pensemos o processo avaliativo como o pico de uma pirâmide, que tem como base alguns paradigmas: o currículo escolar, a formação docente e a prática pedagógica.

De acordo com os estudos realizados, este artigo procura desenvolver uma análise sobre a avaliação na educação infantil a partir de cinco dissertações escritas entre os anos de 2014 e 2017, sendo os seguintes autores: Cristina Aparecida Colasanto (2014), Maria Nilceia de Andrade Vieira (2015), Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho (2015), Vanessa Maria Redígolo Castilho (2016) e Renata Proveti Weffort Almeida (2014). Tais autores trazem em suas dissertações as palavras-chaves: avaliação – registro – estudos – educação infantil – aprendizagem – professores – qualidade.

Assim, exploro os percursos desses trabalhos acadêmicos, como também alguns autores que fundamentam os meus estudos. Citam-se: Hoffmann (1996, 2006, 2011), Abramovicz e Wajskop (1999), Dahlberg, Moss e Pence (2003), Gandini e Goldhaber (2002), Zabalza (1998), Kramer (1996), Luckesi (2008, 2011), Didonet (2006) e Fochi (2013).

Hoffmann (1996) desenvolveu um trabalho voltado diretamente para a avaliação na pré-escola e que realmente foi muito importante na execução deste estudo até pouco tempo atrás. Inicialmente, este artigo discute a avaliação no contexto da educação infantil, em que se percebe a distância entre o significado de avaliação, em sua dimensão, como também as propostas avaliativas que se originam em razão de cobranças das famílias, muitas vezes, que buscam propostas pedagógicas diferenciadas, e não somente o atendimento às necessidades como a guarda e a proteção das crianças. O universo infantil é pleno em descobertas e rico em desenvolvimento, e, aqui, podemos elencar algumas questões em relação a esse processo avaliativo que não conseguem fornecer a real plenitude e amplitude desse contexto, fornecendo pareceres descritivos padronizados ao final de cada trimestre, semestre ou final de ano.

Destacando algumas concepções teóricas e práticas no cotidiano da educação infantil e suas implicações, Castilho (2016, p. 38) destaca que “é importante evidenciar que as classes de pré-escola, em sua maioria, estão inseridas

nas escolas de Ensino Fundamental, porém, nesse contexto, devem ser respeitadas as especificidades da Educação Infantil”.

Sendo assim, Abramovicz e Wajskop (1999) sugerem alguns questionamentos para orientar os educadores quanto ao uso da documentação que se tem em mãos e na construção de um relatório individual e de grupo, pensando justamente nessa educação infantil que deve ser respeitada na sua especificidade. Por considerar o ato de educar, sendo responsável por produzir mudanças nas ações de nossas crianças, significar e ressignificar sentidos, registrando-os, sugere também o uso de um “diário” para que esse registro escrito permita uma reflexão e posteriormente uma revisão no seu planejamento e, em consequência, nas suas práticas cotidianas e educativas.

Em contrapartida, Dahlberg, Moss e Pence (2003) chegam com uma concepção divergente da observação, que podemos chamar de documentação pedagógica. E apontam como os enfoques diferenciam-se:

[...] a “observação da criança” diz respeito principalmente à avaliação do fato de ela estar adaptada a um conjunto de padrões. A “documentação pedagógica” [...] diz respeito principalmente à tentativa de enxergar e entender o que está acontecendo no trabalho pedagógico e o que a criança é capaz de fazer sem qualquer estrutura predeterminada de expectativas e normas. (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 192).

Acrescentando a essa diferenciação de enfoque, a observação passa a assumir uma verdade objetiva e externa, que poderá ser registrada, enquanto a documentação é uma construção social, pois designa-se a dois temas: o processo e o conteúdo. O conteúdo é “o material que registra o que as crianças estão dizendo e fazendo, é o trabalho das crianças e a maneira como o pedagogo se relaciona com elas e o seu trabalho”, e o processo “envolve o uso desse material como um meio para refletir sobre o trabalho pedagógico e fazê-lo de uma maneira muito rigorosa, metódica e democrática”. (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 194).

Gandini e Goldhaber (2002) também desenvolveram um estudo sobre a documentação e analisaram e criticaram alguns aspectos essenciais à sua construção, remetendo os créditos dessa metodologia de trabalho aos educadores de Reggio Emilia.

Dentro desse processo ou enfoque, observa-se que a documentação é dividida em: observação e registro; as ferramentas utilizadas para esses registros; o preparo das observações registradas para então analisá-las em conjunto com outros

profissionais; a divisão, reflexão e interpretação das observações. Aqui fica um adendo para o destaque das autoras, que também relacionam as vantagens do tipo de comunicação com a experiência em revisar essa documentação com as crianças, para que ocorra uma avaliação autêntica e a forma de comunicação com as famílias das crianças para estimular e garantir a participação de todos.

Ao criticar os conceitos implícitos nas diversas maneiras de organização das instituições dedicadas à infância, Dahlberg, Moss e Pence (2003) fortalecem a reflexão sobre as reais necessidades e interesses da criança ao longo dos seus primeiros anos de vida. Na prática educativa, essa ideia fundamenta relacionamentos e atividades por meio dos quais a criança passa a ter voz e vez (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999).

Zabalza (1998) defende que não existem verdades absolutas, que tudo pode e deve ser discutido e que com essa convicção deveríamos afirmar que nem tudo o que se faz em educação infantil é bem feito. Por isso, penso que devemos continuar insistindo em aspectos específicos, que são condições básicas para uma educação infantil de qualidade, para que então se pense em avaliação.

O autor ainda evidencia os sistemas de avaliação que permitam fazer um acompanhamento global do grupo que se tem e também de cada uma das crianças, de forma individual, defendendo que é preciso ter orientação suficientemente clara para avaliar cada passo dado, para saber se está havendo algum avanço em direção aos propósitos estabelecidos. Não seria uma maneira de formalizar o processo, mas sim de saber o que se pretende e onde se quer chegar, quais as metas do processo pré-estabelecido para poder mais adiante alcançá-lo, no caso, processos bem documentados por parte do professor, pois os avaliados são única e exclusivamente os educandos.

Nessa abordagem, Vieira (2015, p. 175) afirma:

Concordando com essas assertivas, precisamos desafiar-nos a incluir as crianças nesse “coletivo avaliador” para a escuta de suas necessidades, de seus pontos de vista, dispondo-nos a conversar sobre o que desejam, buscando compreender suas respostas e suas propostas.

Dessa forma, é necessário analisar criticamente essas práticas, pois quando se pensa em alunos, que têm desejos e necessidades, e que são o objeto de avaliação, acontece a revelação da estrutura de poder e da autoridade da grande maioria das instituições escolares, que se esquecem dos desejos e da compreensão

das crianças. Aqui se percebe que há a necessidade de substituir a clássica forma de avaliar, que busca apenas os erros e os culpados, por uma avaliação mais dinâmica, que seja capaz de trazer elementos de crítica e de transformação ativa para o trabalho. Sendo assim, todos os envolvidos são sujeitos e objetos de avaliação: equipe gestora, professores, crianças e famílias.

Da mesma forma, quando se fala em educação infantil, muito se ouve sobre Didonet (2006), que ao afirmar que o modelo de avaliação escolhido deve estar estreitamente articulado com os objetivos que se quer alcançar, destaca a coerência entre avaliação e finalidades da educação infantil, imprescindíveis quando se busca a formação com base nas práticas da educação infantil. Isto é, não poderíamos avaliar algo do qual não esperássemos nada, pois o ato de avaliar implica, desse modo, uma relação não indiferente com o mundo, mas capaz de responder, ou não, às expectativas de todos os envolvidos nesse processo.

Assim, repensar novas práticas de se conceber a avaliação propicia a tomada de consciência de certas inadequações na avaliação, que são registradas pelo professor e que desencadeiam a busca de várias alternativas, sem deixar de valorizar e respeitar diferenças de desenvolvimento e de conhecimento, dentro de um processo criativo, sendo associado ao prazer das crianças pela descoberta da construção de significados, ressignificando o universo infantil que é tão amplo e tão rico. Construir tempo para estar junto e fazer-se presente, isto é, estar com as crianças, atentos, interessados, tranquilos, solícitos (FOCHI, 2013), acompanhando, estando junto, perguntando e inventando com elas.

Por isso, destaco aqui que é fundamental construir um processo de avaliação que leve em conta todo o processo educacional, que serão observados ao longo do tempo, através de situações significativas dentro do contexto das atividades que irão surgindo, atendendo ao que as crianças conhecem e são capazes, sem nunca, e de maneira alguma, serem penalizadas pelo que ainda não sabem.

Carvalho (2015, p. 39), em sua dissertação ressalta:

Assim como os “pareceres descritivos”, os relatórios de avaliação representam um importante instrumento avaliativo na Educação Infantil. Caracterizam-se pela análise e reconstituição da situação vivida pela criança na interação com o professor. Eles representam, ao mesmo tempo, reflexo e reflexão. Esses momentos de reflexão proporcionados por notações, pareceres descritivos e relatórios de avaliação configuram-se em elos significativos entre a percepção do professor e suas intenções pedagógicas.

As situações vividas pelas crianças são o carro-chefe para uma excelente avaliação por parte do professor. É a criança que dará a direção e o caminho para que a prática avaliativa ocorra e não haja contradições no processo avaliativo.

Em sua recente trajetória como primeira etapa da educação básica, a educação infantil vem alcançando conquistas, que se constituem a partir de desafios e das reflexões realizadas pelos especialistas da infância e por grande parte de professores, que de certa forma estão em um movimento constante e ininterrupto de achar o melhor caminho para que ocorra essa avaliação através da documentação.

Ao analisar as dissertações produzidas no período citado anteriormente sobre o tema em questão, Colasanto (2014, p. 57) nos traz:

Durante a pesquisa de mestrado, bem como exercitando minha prática enquanto professora e coordenadora pedagógica, verifiquei que a inquietação sobre a avaliação na educação infantil não se restringia apenas à minha prática pedagógica individual. Refere-se, sim, a uma questão educacional ampla experienciada por outros professores de educação infantil e da educação básica em geral: a realização de relatórios de avaliação que de fato retratem o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Todas essas questões estimularam-me a aprofundar o tema avaliação, entendendo que é possível vislumbrar uma avaliação que deva ser, portanto, baseada na situação vivenciada pela criança, analisada e registrada pelo educador. O educador, por sua vez, deverá compreender as necessidades e o tempo de cada um de seus alunos, sendo um agente facilitador para as novas possibilidades e conquistas dessas crianças, permitindo, incentivando e proporcionando essas novas descobertas, promovendo o desenvolvimento e a aprendizagem de forma saudável.

Quando pensamos em avaliação na educação infantil, podemos também pensar a quem serão direcionadas essas avaliações: à escola, aos próprios professores ou às famílias das crianças? São vários os questionamentos que surgem e muito pertinentes, pois os instrumentos utilizados, a frequência dos registros do professor e a linguagem usada são adequados aos objetivos que temos? A intencionalidade e o universo infantil, com suas descobertas e ações espontâneas, são levados em conta nesse momento de avaliação?

De acordo com Castilho (2016, p. 20):

As discussões nessa instância se evidenciam pelo fato de o processo avaliativo com crianças de pouca idade ser considerado relativamente recente e de haver muitas instituições que adotam a avaliação com o caráter classificatório. Nesse sentido, avaliar crianças na Educação Infantil se tornou pauta de muitas discussões entre professores e gestores, pois avaliar a aprendizagem de crianças de pouca idade requer um cuidado muito significativo e minucioso, haja vista que essas crianças entram na instituição escolar em média aos seis meses de idade e permanecem até três anos, ou até aos cinco anos, quando a instituição oferece também a pré-escola.

Em suma, acredito que a avaliação na educação infantil deve ser contínua, e não vista como um momento final do processo. É preciso que a avaliação tenha como foco central a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, respeitando sua individualidade e experiências vividas. Não se trata de avaliar a criança, mas seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, considerando-a como sujeito ativo que constrói o conhecimento na interação com o meio físico e social. Nesse sentido, a partir dos argumentos apresentados acima e preocupada com as diferentes formas de avaliação nas instituições de educação infantil no Brasil – sejam elas qualitativas ou quantitativas –, aparecem alguns temas que nos levam à reflexão.

Reiterando a compreensão sobre o contexto da educação infantil, devemos pensar nos espaços, na quantidade e diversidade de materiais desejáveis para garantir um atendimento de qualidade às crianças que frequentam as instituições de educação infantil. Os parâmetros para essa organização devem ser estabelecidos por todos os envolvidos, pensando na realidade em que eles foram montados, e que as ações sejam realmente percebidas por outros educadores, gerando impacto sobre suas próprias ações com o seu grupo de crianças, entendendo o significado e a função real da avaliação nos espaços educativos de educação infantil.

Nesse sentido, pelos trabalhos referentes à avaliação escritos nesses últimos quatro anos, cito o surgimento da DCNEI. O documento destaca:

A avaliação é instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica na busca de melhores caminhos para orientar as aprendizagens das crianças. Ela deve incidir sobre todo o contexto de aprendizagem: as atividades propostas e o modo como foram realizadas, as instruções e os apoios oferecidos às crianças individualmente e ao coletivo de crianças, a forma como o professor respondeu às manifestações e às interações das crianças, os agrupamentos que as crianças formaram, o material oferecido e o espaço e o tempo garantidos para a realização das atividades. Espera-se, a partir disso, que o professor possa pesquisar quais elementos estão contribuindo, ou dificultando, as possibilidades de expressão da criança, sua aprendizagem e desenvolvimento, e então fortalecer, ou modificar, a situação, de modo a efetivar o Projeto Político-Pedagógico de cada instituição. A avaliação, conforme estabelecido na Lei nº 9.394/96, deve ter

a finalidade de acompanhar e repensar o trabalho realizado. (DCNEI, CNE/CEB n. 20/2009).

A prática da observação e as variadas formas de registros utilizadas, como anotações, filmagens, áudios, fotografias, assembleias, etc., são, portanto, elementos primordiais para a elaboração da avaliação na educação infantil, que pode se dar no decorrer do tempo de permanência da criança na instituição; dessa forma, constrói-se uma documentação que irá revelar o seu desenvolvimento, desde a sua entrada, de forma processual, até a sua saída para outra escola ou para o ensino fundamental, levando-se em conta a importância de sua continuidade nos anos seguintes.

Para Carvalho (2015, p. 39), quando se fala em instrumentos de avaliação, deixa-se claro que:

Cada um desses instrumentos tem suas vantagens e seus inconvenientes, em que cada um está a serviço de determinados objetivos, com critérios avaliativos específicos para dados específicos, como, por exemplo, os registros semi-estruturados que levam em conta os dados mais gerais, palpáveis na observação. É interessante, também, utilizar diferentes tipos de registro de forma complementar e, na medida do possível, a elaboração dos próprios instrumentos de avaliação pelo professor, de modo a respeitar as especificidades de interação com os estudantes (nas práticas de Educação Infantil, com as crianças), nos diversos contextos escolares.

No entanto, o autor não desconsidera que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil também orientam as instituições de educação infantil a criarem os seus procedimentos para que o trabalho pedagógico seja acompanhado de uma observação crítica e criativa de atividades, brincadeiras e interações das crianças no cotidiano escolar.

A fim de compreender uma parte da história da avaliação na educação infantil, surge a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), em sua terceira versão definitiva, com sua proposta de avaliação: “parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças”. (BRASIL, 2017, p. 39). O documento ressalta também:

Ainda, é preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação da trajetória de cada criança e de todo o grupo – suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens. Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o

período observado, sem intenção de seleção, promoção ou classificação de crianças em “aptas” e “não aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas”. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças. (BRASIL, 2017, p. 39).

Ressalto aqui que os processos de formação deverão contribuir não somente para a aquisição de novos conhecimentos sobre a infância e suas especificidades, por parte do educador, como também as atividades, tempos e espaços, e, principalmente, a sua sensibilidade e compromisso com o desenvolvimento de seus alunos no percurso escolar.

## **2. AVALIAR: UM ATO DE QUALIDADE**

Muito há a se dizer e refletir sobre a história da avaliação na educação infantil, aos estudos de teóricos e leituras de dissertações realizadas e descritas neste artigo. Os documentos que ressalto aqui, que são as dissertações referenciadas anteriormente, compreendem orientações para avaliar em toda a etapa da educação infantil, com poucas referências às especificidades do método de avaliação com crianças de 0 até 6 anos de idade.

Esse fato possibilitou entender que a cada nova publicação realizada sobre o tema, há sempre uma retomada do que já foi abordado em materiais anteriores, é um “vai e volta” sem fim. Nota-se que as publicações analisadas, disponibilizadas e produzidas pelo MEC, estão dispostas sempre de forma fragmentada, sem informações pontuais, contemplando aspectos como procedimentos e instrumentos para uma boa avaliação; como realizar e entregar essa documentação para as famílias; o “não uso” da avaliação para a classificação e a promoção, dentre outros, que se aproximam, cada vez mais, da concepção de uma documentação pedagógica. Outro aspecto também que se evidencia neste estudo é o de que os modelos de avaliação existentes na educação infantil geralmente subordinam-se aos moldes do ensino fundamental, desconsiderando as especificidades correspondentes à educação de crianças na faixa etária de 0 a 6 anos.

Durante o processo de análise dos documentos e das leituras realizadas, Almeida (2014, p. 35) contribui com o tema em sua dissertação:

Na etapa da Educação Infantil, as atividades devem priorizar o desenvolvimento da linguagem por meio de vocabulário rico, de contato

sistemático com situações que não só envolvam o fazer artístico e a apreciação estética, a leitura de imagens, a audição de contos e músicas, a possibilidade de se identificar com personagens e recriá-los a partir das experiências vividas e das especificidades de cada um, como também possam partilhar situações de estranhamento e curiosidade perante o existente. As capacidades e habilidades devem ser estimuladas e nunca negligenciadas com atividades que pouco delas exigem, no que concerne à atividade criadora ou ao manejo das técnicas.

Entendo que, quando o autor fala sobre a avaliação destaca que a escola também avalia a criança, e não o faz somente em relação ao que ela apresenta, mas também em relação ao Projeto Pedagógico e às intervenções realizadas pelo professor, através das experiências vividas e da individualidade de cada criança.

Como foi analisado anteriormente, observei que, para que ocorra essa avaliação com uma maior sensibilidade por parte do professor, é necessário proporcionar o convívio coletivo saudável entre as crianças na educação infantil. Isto se dará a partir de algumas situações, como o modo de proceder desse professor, a maneira como os espaços, os tempos e os materiais são organizados para essas crianças desenvolverem-se, entre outros aspectos importantes.

A dimensão que os conhecimentos assumem na educação das crianças pequenas coloca-se em uma relação vinculada aos processos gerais de constituição dessa criança: o afeto, a expressão, a socialização, o brincar, as diferentes linguagens, o movimento, a fantasia e o imaginário são constantes no dia a dia e devem ser levados em conta. Não é, portanto, o objetivo final da educação da criança pequena o conteúdo escolar, muito menos em sua versão escolarizada, mas parte e consequência das relações que essa criança estabelece com o meio natural e social e pelas relações múltiplas que tem com outras crianças e dessas com diferentes adultos (e desses entre si).

Sabe-se bem que cada criança traz consigo novas experiências, as suas experiências culturais, sociais e, principalmente, emocionais. Quando se encontram, há necessidade de um tempo para que o espaço se organize, que aconteça realmente esse encontro e que deixe de ser apenas um espaço para ser um ambiente de troca e de partilha.

Entretanto, percebo que não podemos discutir avaliação sem compreender melhor as questões referentes ao planejamento e aos registros, ficando evidente a relação existente entre esses três aspectos do trabalho pedagógico.

Vejo que é neste momento que a avaliação começa a acontecer. Acontece com o olhar sensível e disposto do professor, que acolhe, que vislumbra e se encanta com o que vê... com as diferentes possibilidades de criação da infância, ou seja, de seus “alunos”.

## **2.1 O papel do professor na avaliação da educação infantil**

Tal como ficou evidenciado durante minha trajetória profissional, os processos de avaliação implementados na educação, de certa forma, sempre me incomodaram, uma vez que suas ferramentas acabavam sendo utilizadas apenas para classificar os sujeitos envolvidos no processo, definindo quem era “capaz” ou quem tinha um “bom desempenho” diante de uma atividade proposta ou outra e, ainda, quem estava “apto” ou “inapto” para avançar e frequentar uma determinada série, fase ou grau de estudo, parecendo não haver nenhuma preocupação com a aprendizagem e, muito menos, com a riqueza das interações, das relações sociais e das trocas culturais presentes nos espaços educativos e no universo infantil, o que é tão rico e cheio de vida. Por isso, concordo com Esteban (2003, p. 19), quando afirma:

A avaliação do rendimento escolar, indispensável ao processo classificatório, inscreve-se nas práticas sociais cujo objetivo ao examinar é vigiar e punir, como tão bem demonstrou Foucault. Na escola, a aprendizagem assim como o ensino, seria decorrência de um sistema eficiente de vigilância e de punição, facilmente traduzível em provas, testes, notas, conceitos, recuperação, aprovação, reprovação.

Sempre, e independente de qualquer situação, serão os professores que estarão presentes no cotidiano da criança e, dessa forma, irão acompanhar de perto o seu desenvolvimento. O professor, além de exercer a função de educador, deve atentar-se à forma como cada criança interage com os colegas, com os próprios professores, nas interações com o grupo e com as atividades, e, de certa forma, perceber, através de sua experiência aliada à sua sensibilidade, qual a área de conhecimento a criança tem mais propriedade, levando em conta seus esforços individuais.

Acerca disso, Carvalho (2015, p. 114), ressalta:

Se, na relação professor-aluno, existe afeto, o clima é favorável à aprendizagem, certamente. Entretanto, é comum que haja desafeto nessa

relação. Nesses casos, o professor, enquanto mediador da aprendizagem, adulto e consciente do compromisso pedagógico que assume diante do desenvolvimento dos seus alunos, precisa estar sensível a esses entraves, de modo que a aprendizagem e a evolução dos alunos não sejam comprometidas.

Sendo assim, o empenho de todos é fundamental para avaliar a criança de forma correta e sensata, mas ressalto aqui que o professor é o responsável por avaliar essa criança sob a sua perspectiva, elaborando um relatório fiel com base no que foi observado.

Os aspectos em destaque são condizentes à avaliação das crianças de 0 a 6 anos e configuram-se como uma prática presente na organização pedagógica das instituições e seu processo de construção tende a ser organizado de diferentes formas, oscilando entre processos de acompanhamento das crianças e autorreflexão de suas práticas por parte dos profissionais até a mera utilização de diversos instrumentos de socialização das crianças com a comunidade educativa. Aqui destaco as fichas avaliativas, relatórios individuais, relatórios gerais de atividades, dossiês, portfólios, pareceres descritivos, entre outros tantos modelos de avaliação.

Conforme apresentado por Almeida (2014, p. 55):

Seria fundamental, entretanto, o esclarecimento sobre as finalidades da avaliação da Educação Infantil. Se pensada como um instrumento de verificação para a resolução de problemas que, historicamente, circunscrevem-se à educação para a infância no Brasil, como a universalização do acesso à Educação Infantil, a formação do professor e as condições objetivas do trabalho a ele oferecidas, em suma, que tenha como objetivo central uma escola de qualidade e para todos - a avaliação, potencialmente, pode contribuir para a modificação da realidade. Contudo, as avaliações, tendencialmente, buscam, por meio de indicadores abstratos, constatar a qualidade das políticas educacionais implementadas.

O aspecto a ser destacado aqui é o de que a avaliação da educação infantil é um processo contínuo e que compreende, entre outros aspectos pedagógicos, trabalhar todas as dimensões do ser humano (emocional, corporal, cognitivo, espiritual, cultural...). Afinal, na educação infantil, a criança está em processo de desenvolvimento, de crescimento e de aprendizagem e, como professores, não podemos esquecer e acreditar que apenas as políticas educacionais implementadas pelo sistema são o objetivo final de todo o processo, sem levar em conta a finalidade da educação infantil.

A avaliação deve ser entendida como “componente do ato pedagógico” (LUCKESI, 2011) e não faz sentido isolá-la, como se nada tivesse a ver com os contextos de ensino e de aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o objetivo de analisar as concepções de avaliação da aprendizagem, conclui-se que, independente do modelo escolhido por quem se propõe a avaliar as crianças da educação infantil, é necessário que se entenda que a prática avaliativa compreende, além dos aspectos pedagógicos, envolver-se com o cotidiano da educação infantil e do grupo no qual se está inserido, como também a associação ao prazer pela descoberta da construção de significados do mundo. Esse é um tema que merece muitas discussões, pois as concepções e práticas de avaliação são necessárias para a construção urgente da formação de uma infância cidadã.

Ao longo da minha trajetória como educadora na cidade de Porto Alegre e na tentativa de compreender melhor os conceitos construídos sobre avaliação no âmbito educacional, procurei acessar um diálogo com diferentes educadores que exercem a função de professores na educação infantil, que muitas vezes são estudiosos no assunto e que já vêm, de certa forma, levantando discussões sobre esta temática, envolvendo até mesmo professores especializados em outras áreas como a Educação Física, a Música e o Movimento, a Linguagem Digital (Informática), as Artes e a Língua Inglesa. Evidente que o tempo que se destina a estudos nesta área são muito reduzidos, o que gera certa angústia por parte de muitos educadores. O material que tive a oportunidade de acessar e debruçar-me ao estudar representa apenas uma parte da produção acadêmica sobre o tema. Somado a isso, ressalto o fato de existir um campo bem reduzido de pesquisas, dissertações, teses, estudos e projetos feitos sobre esta temática, o que, de certa forma, surpreendeu-me e veio a dificultar as minhas análises, estudos e escritas a respeito do tema sobre o qual me dispus a escrever.

Entretanto, nesse movimento de busca e leituras, tal como já havia apontado no início deste artigo, percebi que a produção acadêmica sobre o assunto é bastante restrita quando se trata do tema em questão. Entre os materiais consultados, na tentativa de compreender melhor os referenciais teóricos que versam sobre a temática avaliação, em especial na educação infantil, dei atenção especial à leitura

dos trabalhos destacados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Tais leituras levaram-me a apurar o entendimento que tenho sobre os processos avaliativos vivenciados dentro das instituições de educação infantil, em especial, aqueles que envolvem diretamente as crianças pequenas.

Sendo assim, hoje tenho a clareza que os métodos e processos que envolvem a avaliação de nossas crianças que frequentam a educação infantil estão em constante pulsar, um constante movimento, que tem como elementos principais e estruturais a observação, o planejamento, o registro, a análise de como essa criança deverá ser avaliada, a socialização da análise com os envolvidos (outros professores) e, então, o replanejamento das ações educativas a que se propõe a instituição.

Dentro dessa perspectiva e no processo de representar o processo avaliativo das crianças no espaço da educação infantil de forma sistematizada, mas não linear ou hierárquica e sim de movimento, respeitando o seu tempo, espaços e materiais, lembro-me da figura de um círculo, uma roda, que gira e volta à posição inicial, girando novamente com um movimento circular, no qual os elementos que a estruturam se interligam e estabelecem uma relação que se evidencia na própria raiz do termo avaliar.

Assim, considerando a diversidade de valores que podem ser atribuídos a essa palavra nas diversas culturas presentes nas instituições de educação infantil, há que se considerar nesse exercício diário, as questões sociais, linguísticas, éticas e estéticas, além das históricas que referendam essa expressão, ou seja, o reconhecimento de que nos processos pedagógicos, incluindo os avaliativos, muitas vezes não existe a neutralidade, pois a escolha determinada por cada educador normalmente está vinculada a suas trajetórias de vida pessoal e profissional. Certamente essas escolhas configuram-se como os ventos que movimentam essa roda avaliativa que citei anteriormente, ou seja, um processo avaliativo das crianças no espaço da educação infantil. Cientes dessas influências, o que significa mesmo avaliar? E o que significa avaliar no âmbito da educação infantil? Vale a reflexão.

## ABSTRACT

We understand the evaluation of school learning as something that is present in all students's lives, including all age groups, from the earliest age, from 0 to 6 years old, which we call preschool. In children's education, the excess of activities influence on the time, the play and the intentionality, noting that few institutions of early childhood education carry out an evaluation process from a theoretical approach that will favor the construction of a collective organization of the process of children's evaluation. Although the instruments used to socialize the evaluation of children seek to differentiate themselves from those used in elementary education, their processes still seem to be distanced from a focus on the specificity of early childhood education; in most cases, there seems to be no relationship among the evaluation instruments, the theoretical framework that subsidizes the PPPs of the kindergarten institutions and the plans built for the children's groups. In this article, I try to write reflections on this evaluation system, based on the study done in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations, produced in the period from the years 2014 to 2017, written in Brazil, with the theme of evaluation in early childhood education. The notes were obtained through theoretical references and dissertations that refer to the theme. Composing this support, dialogue with studies of researchers that help me think the evaluation, in comparison with other intervening questions. Through the work carried out, the limited existence of studies on evaluation in early childhood education was confirmed.

**Keywords:** Evaluation. Early childhood education. Process. Quality. Studies.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; WAJSKOP, Gisela. **Educação Infantil:** Creches-atividades para crianças de zero a seis anos. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1999.

ALMEIDA, Renata Provetti Weffort. Formação da criança: um estudo sobre a avaliação na educação infantil. 2014. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10429>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

BASSEDAS, E. A Avaliação e a observação. In: BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

BONDIOLI, Anna. **O Projeto Pedagógico da Creche e a Sua Avaliação: a Qualidade Negociada**. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2009. 2010.>Acesso em: 20 fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política nacional de educação infantil: pelos direitos das crianças de zero a seis anos à educação**. Brasília: SEB, 2006. Acesso em: 21 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: SEF, 1998. 3 v.> Acesso em: 24 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Estabelece a Base Nacional Comum Curricular. Diário oficial da união, Brasília, dez. 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2018.

CARVALHO, Thatianny Jasmine Castro Martins de. **Avaliação da aprendizagem na educação infantil: concepções dos professores e desafios formativos**. 2015. 157 f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14369>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

CASTILHO, Vanessa Maria Redígolo. **Avaliação: concepções teóricas e práticas no cotidiano da educação infantil e suas implicações**. 2016. 242 f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente (SP), 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/144624>>. Acesso em: 4 mar. 2018.

COLASANTO, Cristina Aparecida. **Avaliação na educação infantil: a participação da criança**. 2014. 207 f. – Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (SP), 2014. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9802>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (Org.). **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DIDONET, V. Coerência entre educação e finalidades da educação infantil. **Pátio Educação Infantil**, v. 6, n. 10, 2006.

ESTEBAN, Maria Teresa. Ser Professora: avaliar e ser avaliada. In: ESTEBAN, Maria Teresa. (Org.) **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003. 13-37 (Cultura, Memória e Currículo, v. 5)

EDWARD, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Tradução de Deyse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FOCHI, P. S. **“Mas os bebês, fazem o quê no berçário, heim?”**: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. >Acesso em: 12 mar. 2018.

GANDINI, L.; GOLDBERGER, J. Duas reflexões sobre a documentação. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (Org.). **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

\_\_\_\_\_. **Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 36. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

\_\_\_\_\_. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 31. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

KRAMER, S., SOUZA, S. J. (Org). **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/abr, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.

RINALDI, Carlina. Régio Emilia: a Imagem da Criança e o Ambiente em que Ela Vive como Princípio Fundamental. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (Org.). **Bambini: A Abordagem Italiana à Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 75-80.

VIEIRA, Maria Nilceia de Andrade. **Avaliação institucional na educação infantil: percursos formativos**. 2015. 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/2464>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

ZABALZA, Miguel Antonio. **Qualidade em educação infantil**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.